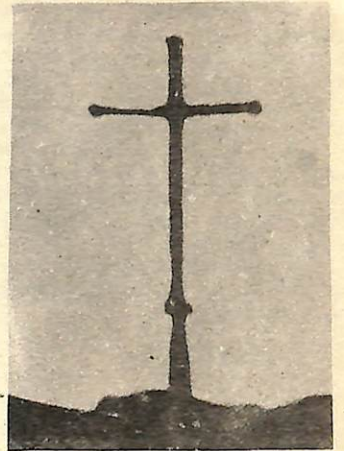


FRANCESES EXPULSOS DO RIO

491
12.2618.

MUSEU HISTÓRICO CULTURAL
BIBLIOTECA

A PRIMEIRA CRUZ



Esta é a primeira cruz que apareceu no Brasil. Trata-se da cruz procesional que presidiu à primeira missa rezada em terras brasileiras.

Nosso enviado especial junto à esquadra de Men de Sá, em sensacional e completa reportagem, dá conta dos acontecimentos sucedidos no Rio, quando brasileiros e portugueses expulsaram os ocupantes franceses.

Essa reportagem vai publicada na página 2 desta edição.



Patrulha — Barcos portugueses em patrulhamento próximo ao Rio.

Vício de índios chega à França

Paris, 1560 (Do correspondente)

Uma novidade se apresenta agora aos franceses: chegaram à França três pés da conhecida planta chamada em Portugal de petum, que é nada mais nada menos que o fumo, tão censurado e tão apreçado vício, tomado de nossos amigos, os índios americanos.

O autor da façanha da introdução do tabaco na França — façanha que reputamos temerária, pois até ameaça de excomunhão já pesou sobre fumantes — é o jovem diplomata João Nicot, embaixador de Sua Majestade Francisco II em Portugal. Correndo o risco de uma censura, Nicot enviou da capital portuguesa os três pés de petum, destinados à rainha Catarina de Médicis e ao cardeal de Lorena.

Dependerá dessas duas altas personalidades da Corte o destino do original presente do môço diplomata: esquecimento ou difusão da terrível e tentadora planta. Esperemos...

INFEÇÃO NO OUVIDO MATA REI FRANCISCO



A França acaba de perder outro rei. Francisco II não sobreviveu muito tempo a seu pai. Sobre a morte do jovem soberano, publicamos reportagem na página 5.

Na gravura o rei morto.

Armas e dinheiro para São Paulo

São Paulo de Piratininga, 20, maio, 1561

Armas para esta cidade se defender e verbas para fortificá-la, eis o que pediram hoje, à rainha de Portugal, d. Catarina, os vereadores da Câmara de São Paulo e os moradores na cidade.

Numa carta acabada de assinar por dois membros da Câmara, São Paulo conta os incidentes que culminaram com uma campanha contra os índios inimigos dos colonos.

Os combatentes foram reunidos às pressas, muitos brancos se recusaram a combater os atacantes e os próprios voluntários índios riram-se do que chamaram a covardia dos brancos.

Os sitiados de São Paulo foram completamente batidos e os paulistas perderam apenas dois soldados.

Jorge Moreira e João Alves, os vereadores paulistas, fazem, além do relato da breve campanha, um apelo «sui generis»: mandem degredados para São Paulo, mas que não sejam ladrões. Nessas condições, dizem os apelantes, a cidade se povoará pelo casamento dos novos brancos com as mestiças que aqui existem.

o Brasil em Jornal

1560/1 N.º 20	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Diretor: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

ESPÍRITO DE SAGRES AINDA VIVE

Lisboa, 13, novembro, 1560 (Do correspondente)

Em breve nota, embora, queremos aqui salientar a importância da data de hoje — 13 de novembro — em que Portugal e o mundo celebram o centenário da morte de um dos mais notáveis vultos da humanidade: o infante D. Henrique, tão justamente cognominado o Navegador.

Seu espantoso espírito de observação e seus vastos conhecimentos (para a época) da ciência náutica e da geografia, escassos então, permitiram-lhe realizar obra de importância ímpar na História. Foi principalmente sob seu co-

mando e larga visão que saíram da Escola de Sagres — escola que idealizou, criou e dirigiu — os indômitos aventureiros lusos, que cruzaram o Mar Tenebroso e o interior da África, descobrindo para Portugal novas terras e novas civilizações.

Quinto filho de D. João I, fundador da Casa de Aviz, e de d. Felipa de Lancaster, nasceu Henrique na cidade do Pôrto, em 24 de março de 1394. Foi cuidadosamente educado. Participou arduosamente da tomada da cidadela árabe de Ceuta (norte da África) e, pela sua coragem, foi armado cavaleiro e depois feito duque de Coimbra e senhor de Covilhã.

É com Bartolomeu Perestrelo (que mais tarde seria sogro de Colombo) que se inicia — descoberta da ilha de Pôrto Santo — a série de descobrimentos portugueses que culminariam com a chegada, em 1498, de Gama à Índia — fecho de ouro da maravilhosa aventura sonhada pelo grande Infante.

Henrique faleceu em Sagres, no dia 13 de novembro de 1460. Tinha, portanto, 66 anos. No ano seguinte seu corpo foi trasladado para o mosteiro da Bataiha, por determinação de seu sobrinho e herdeiro, o infante D. Fernando. O mestre de Sagres lá repousa, agora, tranquilo de haver cumprido a missão a que se propusera: alargar os horizontes do mundo de seu tempo.



D. HENRIQUE
Aumentou o mundo

FRANCESES EXPULSOS DO RIO

Rio de Janeiro, 17, março, 1560 (Do enviado especial)

«Da parte de Deus, de vosso rei e do meu, peço-vos que largueis a terra alheia onde estais e vos ides em paz, sem experimentar os danos que sucederão da guerra». Com este ultimato, o governador do Brasil, sr. Men de Sá, fez um último esforço para recuperar sem combate o forte que os franceses, comandados por Bois-le-Comte, ocupavam na ilha de Coligny.

A resposta do comandante francês, todavia, desesperançou Men de Sá: Bois-le-Comte, dizendo que cumpria ordens de seu tio Villegagnon, assegurou-lhe que defenderia a fortaleza mesmo com o sacrifício de sua vida e da de seus companheiros.

Em seguida, para marcar sua determinação, ordenou que os artilheiros do forte despejassem uma carga de fogo sobre os sitiados.

SURPRESA

Anteontem, baldados os esforços pacificadores de Men de Sá, ficou decidido o ataque em massa à fortaleza. Estávamos aqui desde o dia 21 de fevereiro e o governador aguardou, antes do assalto decisivo, a vinda de reforços que pedira a S. Vicente.

Sob o fogo da artilharia e dos arcabuzeiros franceses, nossos soldados desembarcaram na ilha ocupada, onde, sob a proteção do fogo das naus, aguardavam a chegada dos canhões que bombardeariam o forte.

Ontem, sábado, um grupo de que faziam parte, entre outros, o mestiço Manuel Coutinho e Afonso Martins Diabo, penetrou na fortaleza Coligny e ocupou os paióis de pólvora do inimigo.

Esta foi a primeira vitória, mas, ainda assim, estávamos longe de contar com o que aconteceu durante esta madrugada. Os franceses, sem água e sem pólvora, abandonaram suas posições, desaparecendo como por encanto no litoral fronteiro à ilha.

MISSA SOLENE E DESTRUICÃO

Hoje, domingo, tomamos posse solene do forte abandonado. Enquanto as autoridades o percorriam, Men de Sá fez um balanço das baixas dos adversários: 114 prisioneiros, além de grande número de escravos e de mortos.

Mais de mil índios, bons espingardeiros, lutaram ombro a ombro com os franceses. O número de fugitivos é calculado em 80.

Após o exame do forte e

como não tivéssemos gente para ocupá-lo, Men de Sá decidiu arrasá-lo. A artilharia abandonada pelos franceses, toda ela de boa qualidade, foi recolhida aos nossos navios.

Em seguida, a soldadesca silenciosa acompanhou a missa de ação de graças pela vitória. O próprio Men de Sá, com os joelhos no chão que acabara de reconquistar para seu país, fez suas preces misturado aos soldados.

FRANCES DIZ QUE AJUDOU

Luis da Costa, meirinho de Men de Sá, relatou a este enviado um estranho encontro em Ilhéus. Entre os colonos daquela região, a esquadra portuguesa descobriu um francês, que veio ao Brasil para juntar-se a Villegagnon. Trata-se de Jean de Cointa, mais conhecido como João de Bolés.

Cointa, que agora está conosco no Rio, disse a Luis da Costa que aqui esteve, pela primeira vez, em março de 1557. Logo que chegou, Villegagnon fê-lo confessar publicamente sua fé, antes de comungar. Abjurou o papismo e casou-se, em maio do mesmo ano, com uma jovem, parenta de um Laroquete de Ruão, que com ele viajara para o Brasil.

Durante sua estada com Villegagnon, o senhor de Bolés,

que se intitula doutor pela Sorbonne, promoveu várias discussões sobre a doutrina calvinista. Com isso, acabou incompatibilizando-se com Villegagnon e os próprios companheiros.

Em Ilhéus, Bolés informou a Men de Sá das dissensões que lavravam entre os antigos companheiros e adiantou, ainda, que Villegagnon deixara o Rio, rumo à França.

Agora, segundo ainda Luis da Costa, Bolés está dizendo aos quatro ventos que foi sua adesão aos portugueses que encurtou a guerra. Pretende ele que sua delação sobre certas particularidades do forte tenha sido fator decisivo na vitória final.

ESTACIO PARA PORTUGAL

A fim de levar a notícia da estrondosa vitória que as tropas portuguesas acabaram de obter, parte para Portugal o sobrinho do governador, o jovem Estácio de Sá.

Men de Sá, já sem mais o que fazer aqui, resolveu prolongar sua viagem até São Vicente, onde, consta, os índios estão em pé de guerra.

Sebastião Álvares, que testemunhou, a nosso lado, o desenrolar da batalha pela posse da ilha, contou-nos que a chegada das naus portuguesas, defronte da Guanabara, deveria ocorrer em segredo. Mas houve um erro de cálculo, e os navios, que penetrariam a enseada de madrugada, foram ressentidos de manhãzinha quando passavam a barra.

Manuel da Nóbrega, jesuíta já bastante conhecido de nossos leitores, lamentou que se não pudesse colonizar a região do Rio de Janeiro, por falta de gente.

EM S. VICENTE

São Vicente, abril, 1560 (Do enviado especial)

Recebidos com as maiores manifestações de entusiasmo, os vencedores dos franceses aqui chegaram, com nova missão de guerra.

Após o regozijo da população, Men de Sá foi informado da gravidade da situação: os índios inimigos ameaçam a cidade e o governador decidiu agir como na Bahia, destruindo os inimigos a ferro e fogo. Assim, já uma poderosa expedição está sendo armada com esta finalidade. O jesuíta José Anchieta será seu guia.

Também a pedido dos moradores, resolveu o governador transferir a vila de Piratininga para junto das casas de jesuítas em São Paulo. Outra medida assentada por Men de Sá é o envio, breve, de uma expedição em busca de ouro, pelo sertão. Seus comandantes seriam Brás Cubas e Luis Martins, um especialista em mineração, recém-chegado de Portugal.

Com o Rio de Janeiro recuperado, Piratininga mudada para perto de São Paulo e os

índios próximos de serem subjugados, Men de Sá considera finda sua missão no sul do país.

Os navios que combateram os franceses foram totalmente postos em condições de navegar e o governador decidiu seu rápido regresso a Salvador. O padre Nóbrega ficará em São Vicente. Sua saúde não é boa e ele considera o clima sulino mais propício.

Em conversa com este enviado, Nóbrega despediu-se de seus amigos na Bahia e recomendou que informássemos a Portugal que ele aqui ficaria para o que a Companhia de Jesus decidisse. Numa última palavra, disse-nos ainda quanto considerava importante a vitória obtida no Rio:

«Após a conquista, corri a fortaleza e nela só encontrei livros heréticos. Isto dispensa comentários.»



IVAN IV

DOIS GRANDES EXILADOS DA RÚSSIA

Moscú, dezembro, 1560

Punindo com exílio dois dos seus mais antigos e fiéis auxiliares — o capelão da Córte, Silvestre, e o encarregado de receber as queixas do povo, Alexis Adachef — Ivan IV, o Terrível, deu agora a maior demonstração de força, como «czar de todas as Rússias».

Rumores na Córte dão como causa da punição as suspeitas de que os dois auxiliares teriam assassinado a esposa do czar, falecida este ano. Sabe-se com segurança que um outro motivo, muito anterior, também contribuiu para a atitude de Ivan: o fato de Silvestre e Adachef terem escolhido, contrariando a vontade do soberano, o sobrinho e não o filho do czar, para seu sucessor, quando Ivan IV esteve à morte.

Silvestre foi exilado e Adachef nomeado governador de Dorpat, o que também significa exílio, por se tratar de um lugar longínquo e de acesso difícil.

Com quase 100 anos, morre rei dos mares

Gênova, 25, novembro, 1560

Com 94 anos e uma considerável bagagem de feitos mili-

tares, morreu hoje o «Libertador e Pai da Pátria», como era chamado Andrea Dória, um

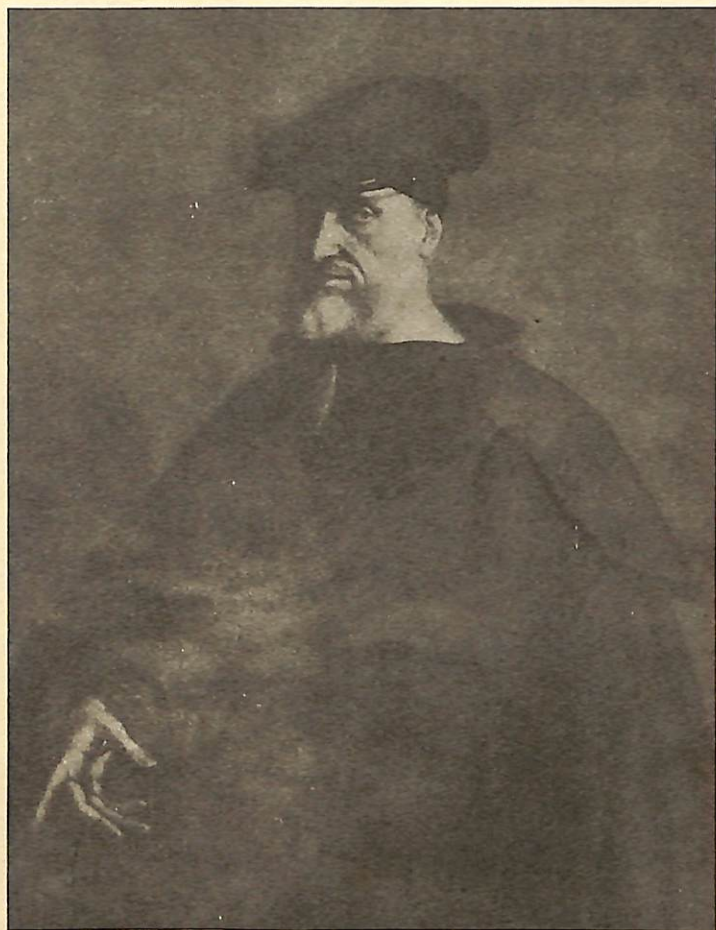
dos maiores almirantes do nosso século.

Apesar da idade, Andrea foi quem, ainda este ano, preparou a expedição que devia atacar a ilha de Gelves, tendo, também, anos antes (1553-55), salvado a Córsega das ambições francesas.

Filho de uma das mais ilustres famílias italianas, Andrea teve o seu nome ligado às empresas de Carlos V nas lutas contra a França e os turcos, e ao sistema de equilíbrio político que estabeleceu na Itália.

As suas primeiras façanhas, tanto em terra como no mar, tornaram-no um dos mais destacados cabos de guerra, valendo-lhe a admiração de Gonçalo de Córdova, que se empenhou para alistá-lo no serviço da Espanha.

A sua admirável vitória de Pianosa (1519) sobre os turcos levou ao mais alto grau a sua reputação, tendo Francisco I lhe dado o comando de sua armada (1524). As tropas do imperador da Alemanha foram derrotadas por toda a parte, Gênova tomada e os franceses alcançaram o domínio sobre o Mediterrâneo. Mas em 1528, Dória, descontente, passou ao serviço de Carlos V, a quem desde então serviu, recebendo em paga as maiores honrarias. Senhor onipotente de Gênova, onde organizou o regime aristocrático, vencedor por toda parte dos franceses e dos turcos, Andrea Dória é considerado o verdadeiro rei do mar.



ANDREA DÓRIA

94 anos: Grande em terra e na água

Dinheiro e trigo compraram Pôrto Seguro

Pôrto Seguro, dezembro, 1560

Por um padrão de juros de 12 mil e 500 réis e mais dois moinhos de trigo, a capitania de Pôrto Seguro passou a novo dono.

A sucessora de Pero do Campo, d. Leonor do Campo, vendeu-a ao duque de Aveiro, recebendo no ato da venda a quantia de 600 mil réis. Em consequência da passagem a novo proprietário, o provedor Filipe de Guillen foi substituído pelo escudeiro João Gonçalves Frade, elemento de confiança do duque.

Ao que se fala, muitos moradores, descontentes com a situação de abandono em que está a capitania, pretendem mudar-se para lugares mais prósperos.

Por outro lado, um novo perigo ameaça Pôrto Seguro: índios conhecidos como «aimorés», que não sabem nadar, mas são grandes corredores, perseguem os colonos por simples gula.

Conta-se que entre brancos e escravos negros preferem os negros, a quem chamam «macacos do chão».

JESUÍTAS:
Ensinam português aprendem tupi

Segundo o padre Rui Pereira, os cursos dos colégios jesuítas no Brasil têm grande aceitação, por parte do povo.

Por um lado, os sacerdotes ensinam aos indiozinhos o idioma português, mas, após as aulas, eles mesmos aprendem o idioma tupi.

A estas lições, os estudantes dão o nome de «aulas de grego». A finalidade do aprendizado do tupi é aplicá-lo na catequese dos selvagens.

CONFUSÃO RELIGIOSA

Fontainebleau, agosto, 1560

«Para deliberar sobre os remédios julgados necessários contra a confusão religiosa», os Guise, sentindo a necessidade de apelar para a opinião pública, convocaram uma assembléia de governadores de províncias e cavaleiros de Saint-Michel, que foi aberta no dia 21 deste mês, nesta cidade.

Coligny apresentou requerimento em nome dos protestantes, pedindo para construir templos e exercer livremente sua religião. Francisco de Guise, em resposta, disse que a proposição não conseguiria assinaturas, mas Coligny garantiu arranjar 10 mil. Neste caso, replicou Guise, conseguiremos 100 mil assinaturas em sentido contrário.

Enquanto se realizava esta assembléia, começou uma guerra de panfletos, o primeiro dos quais chama-se «Carta ao Tigre da França». O cardeal de Lorena, não conseguindo descobrir o autor, mandou matar o impressor e o livreiro.

MORREU MELANCHTON

Wittemberg, 20, abril, 1560

Felipe Schwarzerd, que por um costume que se vem vulgarizando bastante entre os humanistas alemães, adotou a tradução grega de seu sobrenome («terra negra») para pseudônimo, transformando-o em Melanchton, faleceu ontem nesta cidade.

Foi ele, sem dúvida alguma, um dos maiores teóricos da Reforma e a marca de sua inteligência está na obra que deixou, embora alguns luteranistas mais extremados o acusem de ter transigido e tentado conciliações. Suas principais obras são: «Loca communes theologici» (Lugares comuns teológicos), e a famosa «Confissão de Augsburgo», («Confissão augustana».)

Seu espírito foi sempre marcado por um grande conservadorismo, acerca do qual se contam fatos pitorescos. Um deles é que Melanchton, aristotélico intransigente, convidado diversas vezes por partidários de Copérnico para examinar o céu através de modernos telescópios, negou-se a fazê-lo, para não se ver na contingência de ter de negar qualquer parte das teorias de Aristóteles sobre astronomia, ele que sempre declarou que as de Copérnico são ímpias, contrárias à Escritura e que deveriam mesmo ser proibidas por todos os magistrados...

Se, na parte moral, teve sua vida comprometida pela vergonhosa concessão que, com Lutero, fez para autorizar a bigamia de Felipe de Hesse, na parte humanista é, incontestavelmente, figura de grande destaque, principalmente pelo seu trabalho de reestruturação da Universidade desta cidade, o que lhe valeu o título de «Preceptor da Alemanha».

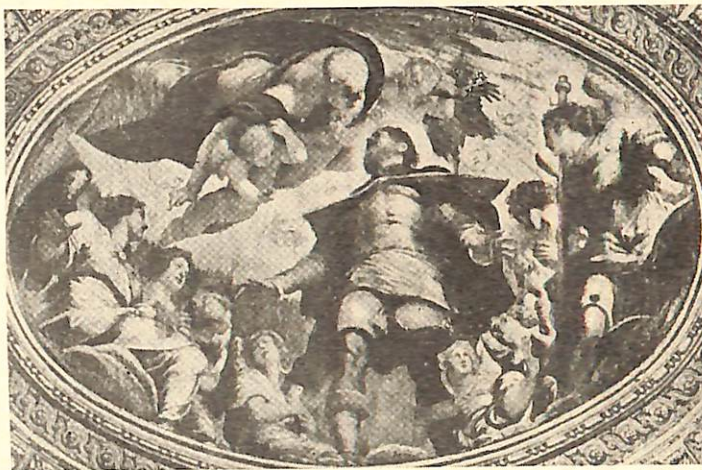
ARTE

MORTO BANDINELLI

Florença, 1560 (Do correspondente)

A escultura italiana está de luto, com a morte, este ano, de uma das suas maiores figuras: Baccio Bandinelli

O artista desaparece aos 67 anos. Era natural desta cidade de Florença, onde morreu. Sua obra é vasta e importante e Bandinelli é justamente considerado pela crítica como um dos maiores valores da escultura contemporânea. Mal querido de muitos, pelo seu comportamento altaneiro e orgulhoso, Bandinelli produziu inúmeras obras, dentre elas se destacando o busto em mármore de Cosme I e uma Vênus, de bronze. Trabalhou durante certo tempo para o papa Leão X, grande protetor das artes. É igualmente famoso o seu «São Pedro», na catedral desta cidade. As obras de Bandinelli destacam-se pela amplitude de seu estilo, bem como pela força de expressão que imprimiu em tudo que fez.



A GLORIFICAÇÃO

Veneza, 1560 (Do correspondente)

Jacó Robusti, o grande Tintoretto, apresentou este ano uma de suas obras-primas: a «Glorificação de São Roque», pintada num oval, no teto da capela da confraria de São Roque, nesta cidade.

Segundo conseguiu apurar nossa reportagem, Tintoretto lançou mão de inteligente recurso para obter a encomenda, tendo sido escolhido entre os diversos pintores que concorreram à execução da obra. Secretamente, procurou as medidas exatas do oval e, enquanto os outros pintores faziam desenhos preliminares para a obra, Tintoretto, com grande rapidez, fez a pintura e a colocou no espaço a ela reservado pelos confrades de São Roque. No dia da apresentação, o grande pintor (no momento em que os demais concorrentes apresentavam seus desenhos) descerrou o pano que encobria a «Glorificação», apresentando-a já pronta aos religiosos espantados.

Ao alto, reprodução da maravilhosa «Glorificação de São Roque».

“TRIUNFO DA MORTE”

Flandres, 1560 (Do correspondente)

Jan Brueghel, já renomado como pintor, deu-nos este ano mais um quadro importante: «Triunfo da Morte» que reproduzimos para nossos leitores. As obras do grande artista flamengo representam, realmente, a luta do espírito gótico contra a sedução do Italianismo, moda de nossos dias. Mas, ao julgamento da crítica, Brueghel já demonstra capacidade para conciliar, em sua arte, essas duas tendências.



“BODAS DE CANÁ”

Veneza, 1561 (Do correspondente)

Outra vez o extraordinário Tintoretto enriquece a arte italiana com soberba realização, que só seu gênio incomparável pode criar. Noticiamos já sua «Glorificação de São Roque», terminada no ano passado. Este ano (1561), apresenta ao julgamento da crítica mais uma obra-prima: «As bodas de Caná», que submetemos ao bom-gosto de nossos leitores, através do detalhe que reproduzimos.

RENUNCIOU CAPITÃO DO ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo, 1560

Colonos desta cidade, com suas mulheres e filhos, dirigiram ao governador do Brasil, sr. Men de Sá, veemente apelo no sentido de que ele cuide da capitania.

Men de Sá, que já por aqui passara, quando a caminho do Sul, estava a par da situação. O donatário Vasco Fernandes Coutinho apresentara-lhe mesmo um pedido de renúncia.

Segundo o próprio governador nos declarou, os três filhos de Vasco, todos eles imberbes, tinham o posto de capitães. Men de Sá é de opinião que o poder deve ser entregue a gente capaz e honesta. O apelo do povo foi imediatamente aceito. Os colonos elegeram Belchior de Azevedo para o comando da capitania e o governador limitou-se a homologar a escolha.

MORRE CAPITÃO

Espírito Santo, novembro, 1561 (Urgente)

Faleceu nesta cidade o antigo capitão Vasco Fernandes Coutinho. Valente capitão na Índia, Vasco falhou no Brasil. Aplicou quase todos os seus recursos na colonização, viu-se envolvido em inúmeras intrigas e morreu pobre.

PROCURADORES PARA ÍNDIOS

Lisboa, 11, maio, 1560 (Do correspondente)

A fim de proteger os índios que foram libertados e sob o influxo da Mesa de Consciência da Côrte, o governo português promulgou, hoje, o novo regimento dos mamosteiros (procuradores) dos cativos.

A lei agora posta em vigor visa a assegurar que os índios livres não sejam escravizados pela astúcia dos colonos e fixa a atribuição dos procuradores, que foram nomeados para diferentes capitanias.

Teimosia de môsca

Está correndo por todo o Brasil a alvissareira nova de haver o ínclito Governador-Geral Men de Sá expulso os franceses do Rio de Janeiro, depois de tomar e arrasar as suas fortificações nas ilhas daquela magnífica baía. Terminada a ação militar, regressou o vencedor à cidade do Salvador e, ali chegando, depois de visitar S. Vicente e o Espírito Santo, escreveu a El-Rei, dando-lhe parte dos sucessos e insistindo na necessidade de se colonizar as paragens da Guanabara e de Niterói, fundando em tão excelente pôrto uma cidade que definisse de vez e defendesse os direitos de posse da coroa portuguesa. Chamou-lhe mesmo cidade salvadora, como salvadora da unidade brasileira fôra a do Salvador, estabelecida por Tomé de Sousa.

A alegria causada pela notícia da vitória impede, de certo modo, o saber-se que a maioria dos franceses expulsos de Sergipe se refugiou do lado de Niterói, no seio das tribos de seus fiéis aliados, os tamoios. Não queremos representar o papel de Cassandra a fazer tristes vaticínios; mas, conhecedores desse fato, que a carta do Governador-Geral vitorioso revela de certo modo ao soberano, insistindo na fundação duma cidade no local, podemos asseverar que os franceses, passado o perigo e ausentes os portugueses, voltarão a se fortificar onde anteriormente se encontravam, obrigando o govêrno a nova e mais custosa expedição para os desalojar.

Dizemos isto sem receio de errar, porque desde os primeiros anos após o descobrimento da terra de Santa Cruz, ao longo do seu litoral, entrelopos, corsários e flibusteiros franceses têm revelado uma teimosia de môsca. No Maranhão, na Paraíba, no Rio Real, no Cabo Frio, freqüentam os ancoradouros constantemente, fazendo-se amar do indígena, a quem lisonjeiam em todos os sentidos e que os chamam mãres, contrabandando o pau-brasil, a canafistula, o âmbar, papagaios e bugios, com pertinácia de assombrar. De nada valeram, para escorraçá-los, a guarda-costa de Cristovam Jacques ou a expedição punitiva de Pero Lopes de Sousa. Continuaram insistindo. Continuarão, estamos certos, enquanto não receberem uma lição exemplar.

Não a pôde dar o Governador-Geral, por não dispor de efetivos que permitissem perseguir os fugitivos e estabelecer uma guarnição em ponto estratégico da Guanabara. Foi pena, pois terá de voltar, de refazer a mesma campanha, a fim de salvar as paragens da grande baía do Rio de Janeiro para a coroa de Portugal. A teimosia da ambição francesa será difícil de desarmar. Todavia não cremos que leve a melhor nas lutas que se terão ainda de travar pela posse daqueles tratos da terra brasileira por eles visitados de longa data. Obedecendo à força de coesão da gente lusa, tantas vêzes afirmada na história em face de castelhanos, leoneses e árabes, as populações do Brasil saberão conjugar esforços no momento oportuno para expulsar de vez quaisquer intrusos.

“LA GROTTÉ” FICOU PRONTO

Paris, 1560 — «La Grotte», o imenso castelo construído em Meudon, por Philibert de l'Orme, sem favor um dos maiores arquitetos da França contemporânea, ficou pronto este ano. A construção, iniciada em 1552, contou, na parte decorativa, com o concurso

de grandes artistas do país: Primaticé, Bernard Palissy, etc., e destinou-se especialmente ao cardenal de Lorena. Philibert de l'Orme é o homem que ergueu para Diana de Poitiers, em 1548, o fabuloso castelo d'Amet, edifício de três cor-

pos distintos, como o Louvre, de Pierre Lescot. Desde 3 de abril desse mesmo ano de 1548, de l'Orme é o inspetor das construções reais, e há dois anos dirige a construção do monumento a Francisco I, na basilica de Saint-Denis.

A MODA COMO ELA É



“PLÉIADE” DESFALCADA



Du Bellay

Paris, 1º, julho, 1560 (Do correspondente)

O introdutor do soneto na França e um dos maiores poetas contemporâneos — Joaquim Du Bellay — morreu hoje nesta capital, môço ainda, com apenas 35 anos de idade.

Du Bellay era grande amigo de Pierre Ronsard desde os 23 anos, fazendo ambos parte da hoje já famosa «Pléiade», que agrupava sete poetas, dos maiores da literatura francesa. O caráter principal da «Pléiade» é sua tendência aristocrática, rompendo com a poesia popular e recriando a poesia francesa, com a imitação dos clássicos greco-latinos e dos italianos, tão importantes e apreciados atualmente.

É do notável poeta agora falecido o manifesto-programa da «Pléiade», obra que o consagrou nos meios literários: a sua «Defesa e Ilustração da Língua Francesa», que publicou em 1549 (época em que conheceu Ronsard), na qual ataca os humanistas que insistem em escrever em latim, estabelece a necessidade de se escrever em francês e condena os poetas preguiçosos que desdenham o trabalho.

A obra poética de Du Bellay tem sua expressão máxima no seu conjunto de sonetos que denominou «Regrets», gênero em que foi mestre incontestável.

Vamos, neste número, deixar de lado os cavalheiros e as damas, de cuja maneira de vestir tanto nos temos ocupado, para cuidarmos do mais nobre dos animais e principal companheiro do homem, na paz e na guerra: o cavalo. Reproduzimos para nossos leitores a famosa «housse», como a chamam na França, espécie de manta que cobre todo o corpo do cavalo, dando-lhe aspecto imponente e festivo. A moda de revestir os animais de montaria com a «housse» é bem antiga e já vinha sendo adotada na época medieval. Ao que se pôde apurar, é originária da Arábia, terra de famosos e habilíssimos cavalheiros, para quem o cavalo constituía, e ainda constitui, seu mais valioso bem.

Também na Índia, na Abissínia e mesmo na Hungria, o uso da «housse» é hoje generalizado, empregando-se na sua confecção tecidos caríssimos e bordados de grande beleza.

Neste século até os cavalos são bem vestidos...

MÚSICA

É com prazer que registamos o aparecimento de um novo instrumento de sôpro. Trata-se do denominado fagote que, inventado há pouco para substituir o oboé, cujo tubo já atinge quase dois metros, começa agora a ser fabricado por Scheitzer, construtor de instrumentos musicais de Nuremberg, Alemanha. Segundo informações que chegaram ao conhecimento deste colunista, Scheitzer pretende se especializar na fabricação de fagotes.

★

Guarda-se ainda o nome de um dos maiores tocadores de corneta do mundo. Foi Agustin de Verona que, em 1502, esteve a serviço de Carlos V como o seu mais destacado músico. Mais tarde passou-se para o serviço do rei de França, Francisco I, na corte do qual se fez célebre por suas execuções, tanto nos concertos de música de câmara como na capela real, onde tocava com os denominados «chantres».

★

A primeira espineta que se conheceu foi a construída por Pasi de Módena e traz a data de 1490. Sua extensão sonora varia de três oitavas e uma quinta, a quatro oitavas.

★

Luis Bourgeois, que regressou de Genebra por incompatibilidade com Calvino, está em Paris e apresentou este ano (1561) uma recopilação de toda sua obra huguenote, que continha 83 salmos, entre eles o «Cântico de Simeão», o «Decálogo». É, sem dúvida, uma grande notícia para a arte do canto em França.

★

A guitarra espanhola, magnífico instrumento que vai ganhando adeptos em França, já tem aparecido em alguns livros de composições musicais, como do cônego Mudarra (1546) e de Miguel Fuenlhana (1554).

Registramos, no entanto, como de extraordinário valor musical e de grande sucesso nos meios especializados, as cinco coleções de obras de Adrien le Roy sobre o «instrumento de quatro cordas», coleções editadas em 1555.



DECORAÇÃO

Hoje apresentamos uma curiosidade da arte do cinzel na Alemanha: uma linda estatueta de prata dourada, reproduzindo um elefante de guerra, trazendo em seu dorso uma torre com suas ameias, canhão e soldados combatentes. Apenas uma coisa não vamos revelar ao leitor: o nome do feliz possuidor dessa rara jóia, que pediu sigilo, por modéstia.

AKBAR INICIA CONQUISTA

Índia, 1561 — O jovem mogol da Índia, Akbar — «O Máximo» — que no ano passado se libertou da tutela do cruel Bairam Khan, iniciou este ano a tomada de Radjpoutana.

Sabe-se que ele constituiu uma armada muito forte, composta de 140 mil homens, com uma cavalaria brilhante e grande número de elefantes. A artilharia, entretanto, é um pouco rudimentar.

ESCÓCIA COM PROTESTANTES

Edimburgo, julho, 1560 — Acaba de ser assinado, pelos representantes de Maria Stuart, um tratado que estipula a retirada de todas as tropas francesas e inglesas que se encontram no país. Por outro lado, o acôrdo deixa nas mãos dos protestantes a Escócia.

O BRASIL EM JORNAL

EDITORA REFORMA S/A
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
Emd. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Redação
RUBEM AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA
MARCOS DE CASTRO
MANOEL RIBEIRO MORAES
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
Ilustração
ADAIL
Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

SUCURSAL EM S. PAULO
Agência POLANO
Rua João Brícola, 32

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00

INFEÇÃO NO OUVIDO MATA REI FRANCISCO

Orléans, 5, dezembro, 1560

Nove meses depois de ter escapado de um atentado em Amboise, o rei Francisco II, que estava gravemente doente desde o dia 16 do mês passado, morreu hoje, vítima de uma infecção no ouvido. Também os desregramentos do jovem soberano nestes últimos anos — segundo alguns médicos — contribuíram muito para apressar sua morte, aos 17 anos.

A subida de Francisco ao trono foi provocada pela morte inesperada de seu pai. No entanto, durante esses poucos meses em que esteve de posse da coroa, não governou de fato, pois confiou o poder ao partido dos Guise, parentes de Maria Stuart, com quem se casou no dia 24 de abril de 58.



FRANCISCO II

Infeção no ouvido deu o trono francês a Carlos IX

SEMPRE DEBIL

Nascido em 19 de janeiro de 1543, Francisco II foi sempre muito doente e desta fraqueza física o seu reinado foi um reflexo. Quando começou a reinar, ordenou ao Parlamento que acatasse as ordens de Francisco e Carlos de Lorena, enquanto apartava da gestão dos assuntos políticos sua mãe, Catarina de Médicis, o condestável Montmorency e o príncipe Condé. Com essas providências, também ele ficava alheio aos negócios do Estado.

CARLOS IX É REI

A morte de Francisco modificou o curso de muitas vidas,

entre elas a da agora viúva Maria Stuart. Mas quem se viu mais beneficiada com o acontecimento foi Catarina de Médicis, que passará a ser regente, pois seu filho Carlos IX, a quem caberá a coroa, não passa de um garoto de 10 anos de idade.

As previsões políticas a respeito do novo rei não são muito otimistas e acredita-se mesmo que ele tem muitos dos defeitos de seu irmão que acaba de morrer. A fraqueza de espírito, por exemplo, é um traço característico da personalidade de ambos. Isso poderá agravar a crise por que tem passado a França.

Fracassou o complô para derrubar o rei

Paris, 17, março, 1560

Uma rebelião tramada desde o ano passado contra a vida dos principais responsáveis pelo reino francês fracassou hoje, pois foi contido o ataque de Bertrand de Chandieu, um dos conjurados, ao castelo de Amboise, para onde, depois de advertida do perigo, mudou-se a Corte.

O cabeça do complô é Godefroy de Barry, senhor de La Renaudie, que tem grande ódio aos Guise, porque seu cunhado foi acusado de heresia e morto pelo cardeal de Lorena. O príncipe de Condé



AMBOISE

A cidade, ao fundo, sobre o rio. Em primeiro plano o barão de La Renaudie é trespassado pela espada de um soldado

ESPANHA PERDE ESCRITOR

Piemonte, 1561 (Do correspondente)

Môço ainda (41 anos), morreu o conhecido escritor Jorge de Montemayor, autor da novela que o tornou famoso: «Diana», cuja publicação O BRASIL EM JORNAL noticiou em seu número anterior. Montemayor era português de nascimento, tendo nascido em Montemor o Velho, o que lhe deu o apelido castelhanizado de Montemayor. Há muito estava radicado em Castela, dizendo-se que serviu como soldado em Flandres.

Como homenagem ao grande escritor desaparecido, reproduzimos para nossos leitores a capa (reduzida) da edição deste ano da «Diana», obra-prima de Montemayor, e justamente considerada como paradigma da novela pastoril espanhola.

é considerado o «chefe mudo» do movimento e Calvino garantiu-nos que não participou da conjuração: «Eu sempre disse que o fato me desagradava e a pessoa de La Renaudie me repugnava mais ainda», justificou-se ele.

RENAUDIE ASSASSINADO

Paris, 19, março, 1560 — La Renaudie, que de setembro do ano passado até fevereiro último percorreu a França, conquistando cúmplices em nome de Calvino, foi assassinado, hoje, por uma patrulha real,

na floresta de Château-Renaud, e seu cadáver enforcado em Amboise.

Além de La Renaudie, foram executados todos os conjurados presos. Seus corpos ficaram expostos durante vários dias, como exemplo. No entanto, Maligny, o homem que poderia fornecer a prova da responsabilidade de Condé, conseguiu escapar.

Como na falta de provas formais, não se pode prender um príncipe de sangue, Condé seguiu a Corte até Chenonceaux, onde se ultima a construção do castelo.

O protestantismo na França: 2.150 templos, 3 milhões de fiéis

Paris, dezembro, 1560 (Do correspondente)

Após ingentes esforços, conseguimos um documento que é um dos mais importantes testemunhos da atual situação religiosa na França. Trata-se de uma página, referente ao dia 29 de junho, do diário de Masarelli, o secretário do Concílio de Trento. É esse texto que, em absoluta primeira mão, reproduzimos hoje:

«Hoje, grande parte do reino da França está contaminada pela heresia luterana, a ponto de não haver nenhuma província e quase nenhuma cidade que não tenha aceitado publicamente os dogmas desses hereéticos e deles não façam profissão, retirando as imagens das igrejas, abolindo a missa, rejeitando jejuns e tudo o mais, sob os olhos não somente dos magistrados, como do próprio rei».

«Ó tempo! Ó século depravado! A França, o mais nobre e mais cristão dos reinos, como a chamaram com razão nossos ancestrais, perde a religião católica!»

DOIS TERÇOS DO REINO

Há dois anos, Macar, pastor em Paris, dizia, em carta a

Calvino, que «em todas as partes do reino a chama está acesa e toda a água do mar não será suficiente para extinguí-la». Logo depois, Alvarotti, enviado de Módena, escrevia que a corte de França fora informada de que metade da população era luterana. No ano passado, o cardeal de Lorena, enviado de Veneza a Bruxelas, declarou aos negociadores da paz de «Cateau-Cambresis» que a heresia tinha alcançado dois terços do reino.

OS NÚMEROS REAIS

Como estes números nos parecessem exagerados, fizemos um levantamento estatístico do movimento protestante na França, com a seguinte conclusão: o país conta, neste ano de 1560, com 2.150 templos calvinistas — muitos dos quais importantíssimos, como o de Rouen, que tem 10 mil fiéis — e cerca de três milhões de adeptos da nova doutrina, em uma população de 20 milhões de pessoas.

Isto significa que 15 por cento dos franceses já aderiram ao movimento reformista, porcentagem elevada, mas em todo caso bem menor que a citada pelo cardeal de Lorena.

Nobreza quer base nova para o reino

Orléans, 31, janeiro, 1561 (Do correspondente)

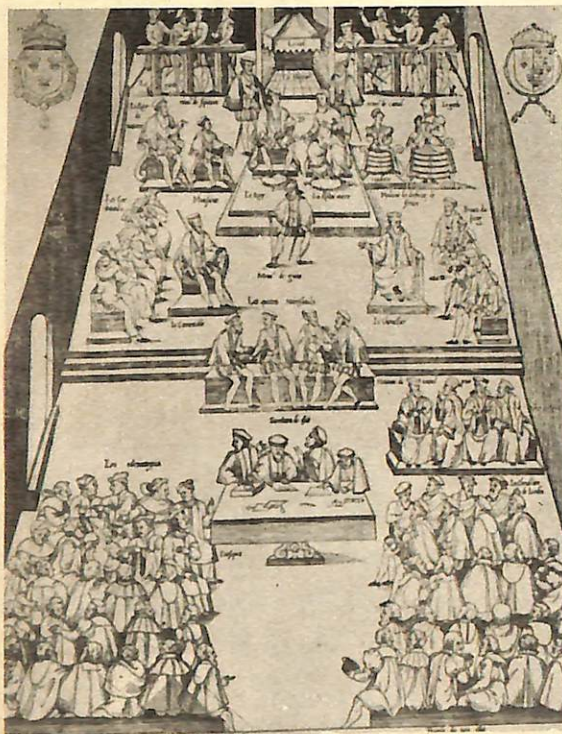
Para assentar a autoridade real sobre novas bases, um conselho de nobres, reunido em agosto, resolveu convocar desde o dia 13 de dezembro os Estados Gerais de Orléans, onde a nobreza e o Terceiro Estado pediram a reforma do clero, a conservação do galicanismo e a tolerância, pelo menos provisória, para os reformados.

Nesta assembléia, o novo chanceler Michel de L'Hôpital prometeu suspender o envio de dinheiro a Roma e obter o retorno das eleições episcopais, bem como a convocação de um concílio nacional, se o Papa não reunisse o «verdadeiro concílio». No dia 28 último, foram suspensas as perseguições aos protestantes.

A morte de Francisco II não retardou a reunião, mas Catarina aí apareceu como regente, tendo afastado os Guise e decidido, com o chanceler, impor uma reconciliação de partidos, considerada até agora impossível.

Foi então que L'Hôpital pôde desenvolver suas idéias em termos que provocaram muita repercussão: «Acabemos com estas palavras diabólicas, nomes de partidos, facções, sedições, luteranos, huguenotes, papistas; não mudemos o nome dos cristãos».

Sabendo que o tesouro real está vazio, o chanceler solicitou dos Estados uma contribuição excepcional, mas sobre este ponto as três ordens foram irredutíveis e a sessão teve que ser fechada hoje.



«ESTADOS GERAIS DE ORLEANS»

Eis, com exclusividade, a disposição em que se colocaram os participantes dos «Estados Gerais». No penúltimo plano vêem-se o rei e a rainha, tendo à frente, de pé, o duque de Guise.

SUÉCIA TEM NOVO REI

Estocolmo, 1560

Três meses depois de haver abdicado em favor de seu filho, que assumiu o poder com o nome de Erico XIV, morreu nesta cidade, com 64 anos, Gustavo Vasa, fundador e primeiro representante de sua dinastia.

Embora muito criticado no aspecto administrativo (impostos altíssimos), Gustavo deu a seu país, em 37 anos de reinado, num dos períodos mais conturbados da história da Suécia, um poderio militar jamais atingido. A grande vitória (1534) de Cristiano III da Dinamarca, graças ao auxílio de Vasa, e a resistência que a Suécia ofereceu à Rússia, de 1554 a 1557, são provas desse poderio.

O novo soberano, que assume o poder com a mesma idade (27 anos) em que seu pai o fez, disse a O BRASIL EM JORNAL que «levava para o governo a nata da juventude



GUSTAVO VASA
Suécia poderosa

nobre de seu país». Os meios políticos estão esperando mudança de orientação nas diretrizes administrativas da Suécia.

Catarina luta para conciliar religiões

Paris, 14, outubro, 1561

Continuando sua tentativa de equilíbrio e de conciliação das duas religiões, a regente Catarina de Médicis e o chanceler L'Hôpital convocaram uma assembléia dos Estados Gerais em Pontoise e outra do clero em Poissy. A primeira foi marcada para julho e a segunda começou em setembro e acabou hoje, sem nada resolver.

Já em julho, Catarina, diante das ameaças de Coligny, de um lado, e Francisco de Guise, de outro, publicara um edito tentando uma pacificação. Por este edito ficou proibida qualquer assembléia, pública ou privada, e a administração dos santos sacramentos fora dos moldes tradicionais.

ASSEMBLÉIA DE PONTOISE

O fato principal desta assembléia foi uma certa desconfiança do Terceiro Estado, em relação ao clero, e a tentativa de lançar sobre este último o peso das dívidas do país. Catarina aproveitou a oportunidade e reclamou do clero um subsídio de 1.600.000 libras, que lhe foi concedido por seis anos.

COLÓQUIO DE POISSY

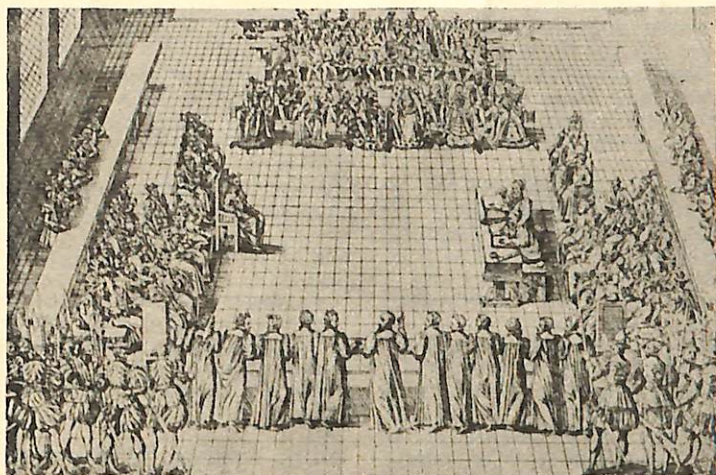
Não foi só para discutir os problemas do Estado que o clero se reuniu em Poissy. A rainha queria ver também, face a face, os teólogos das duas religiões, embora os católicos achassem uma indignidade admitir «heréticos evidentes» no mesmo pé de igualdade com bispos e cardeais.

A assembléia foi solenemente aberta na presença do rei e da regente no dia 9 de setembro e doze ministros protestantes vieram, a convite de

Catarina e Antônio de Navarra, com toda liberdade, expor suas doutrinas.

Teodoro de Bèze, enviado expressamente pelos calvinistas, provocou sensação com sua elegante palavra, mas, quando tratou da eucaristia, um murmúrio de reprovação percorreu a sala. O cardeal Tournon, indignado, virou-se para a rainha e disse: «Ah, madame, como permitis que se fale dessa maneira diante de vosso filho e de vós!» A rainha não se mexeu e Bèze, interrompido, teve dificuldade em continuar o discurso. Isso tudo se passou no dia da abertura do colóquio.

A resposta a Bèze foi dada uma semana depois, pelo cardeal de Lorena, que opôs com muita moderação a majestosa firmeza do dogma católico e a variação dos inovadores. Depois destas duas sessões solenes, o jovem rei não apareceu mais. O colóquio se prolongou em longas e obscuras discussões, ouvindo-se o Geral dos jesuítas, Laynez.



Poissy: juntos católicos e protestantes

EM SOCIEDADE

Pessoas ligadas a Diana de Poitiers garantem que ela tremeu quando Catarina de Médicis assumiu a regência. No entanto, a Florentina afetou não dar mais nenhuma importância à ex-favorita. Quando dela fala é para deixar transparecer que a pobre desapareceu no ostracismo.

★

Maria Stuart ficou encerrada, segundo a etiqueta da corte francesa, durante 40 dias no seu quarto revestido de negro e iluminado por velas. Quando saiu do luto, esperava viver no Louvre, como antigamente. Mas o ódio de Catarina a fez fugir.

★

Alguém acaba de nos garantir que o agora rei Carlos IX dedicava a sua cunhada Maria Stuart um sentimento que ia além de simples amizade... Confirma-se mais uma vez a feliz observação de Catarina de Médicis: «Esta pequena rainha escocesa basta ser vista para virar todas as cabeças».

★

Uma personalidade de alta importância na Corte recorreu para o cronista que o falecido rei Henrique II, apesar de seu afeto público e notório por Diana de Poitiers, não se descuidava de suas atenções com respeito a Catarina. Contou que, no torneio em que perdeu a vida, o rei teve uma tirada de genuíno galanteador, respondendo à rainha, que lhe mandara pedir para não continuar lutando, «por amor dela»:
— «Diga à rainha que é precisamente por amor dela que eu vou cruzar mais esta lança».

★

Ao saber da morte do rei Francisco II, da França, o pastor protestante escocês Knox disse:

— «Deus mandou-nos uma jubilosa libertação, pois o marido da nossa soberana Maria Stuart morreu de uma doença de ouvido — aquêlo ouvido surdo que jamais quis ouvir a verdade».

★

Uma das primeiras mulheres brasileiras que aprendeu a escrever, a sra. Madalena Paraguaçu, filha de Caramuru com a índia Catarina Alvares, dirigiu uma carta ao padre Manuel da Nóbrega. Segundo um nosso informante, que nada quis dizer sobre o teor da carta, a grafia de Madalena é muito bonita. «Seu tipo de letra demonstra temperamento exaltado, igual ao do pai», concluiu o informante, que é dado a estudos grafotécnicos.

★

O governador Men de Sá desembarcou na Bahia sob as maiores aclamações que um homem de governo já teve no Brasil. Em sua honra, foram organizados festejos populares e torneios à moda antiga. Tudo porque Men de Sá venceu inapelavelmente os franceses que ocupavam o Rio de Janeiro.

★

Consta em Lisboa que o governador Men de Sá, que acaba de impor grande derrota aos franceses no Brasil, dirigiu um apelo à rainha regente, d. Catarina: é preciso erigir-se no Sul do país outra cidade, para desencorajar de vez os que tentem invadi-lo.

★

O pastor protestante escocês João Knox é homem mordaz, muitas vezes até mesmo cáustico em suas tiradas. Eis o que disse, comentando o espesso nevoeiro que cobria o pôrto no dia da chegada de Maria Stuart à Escócia:

— «Até mesmo a face do céu nos mostra claramente o que essa mulher traz a este país».

COLUNA MILITAR

O exemplo dos reitres alemães, arrolados nos exércitos da Europa Ocidental, está sendo seguido pelos corpos de cavalaria, pois todos, em toda parte, marcham agora ao compasso de timbales ou atabales.

As tropas montadas do Império da Alemanha em Viena ostentam grupos de timbaleiros luxuosamente uniformizados, montados em cavalos brancos.

Em alguns regimentos, os timbaleiros são negros altos e desempenados, mandados buscar no Oriente ou na África,



cujos turbantes alvíssimos se adornam de plumas vermelhas, azuis e amarelas.

Os timbales são tambores semi-esféricos, com a caixa de cobre ou latão, presos dum e doutro lado da sela. Os timbaleiros batem-lhes com duas vaquetas emboladas em couro, uma em cada mão. Às vezes os cavalos em que montam são dirigidos com os pés, estando as rédeas presas aos estribos.

Algumas formações de cavalaria, em lugar de timbales, empregam um tambor mais modesto, de forma comum, conduzido dum lado do animal. Esse tambor, de procedência oriental como os timbales, chama-se anacara.

É de um timbaleiro alemão a gravura que reproduzimos.

VAI REABRIR O CONCÍLIO DE TRENTO

Roma, 1º, dezembro, 1560

O papa Pio IV lançou hoje uma bula autorizando a reabertura do Concílio de Trento e enviou-a à Alemanha pelos

núncios Delfino e Commendone, que se apresentaram à Dieta protestante de Naumburgo, sob a proteção do rei da Boêmia.

A bula preceitua a urgente

necessidade da continuação do Concílio para destruir o cisma e as heresias, para reformar e corrigir os costumes e para firmar a paz entre os príncipes cristãos.

Inquisição na Índia, perigo para Portugal

Lisboa, 15, abril, 1560 (Do correspondente)

A Índia, desde o começo do ano, já tem inquisidores: hoje, os nomeados pelo cardeal D. Henrique (dois licenciados em Cânones) partiram a bordo da esquadra de Jorge de Sousa para tomar posse em Goa.

A propósito, recorda-se que o ato que estabeleceu um tribunal de Inquisição naquela colônia portuguesa é consequência das gestões da regente Catarina junto ao papa Pio IV.

Uma fonte da chancelaria, contudo, assegura que por trás das intenções da regente estava a vontade poderosa do cardeal D. Henrique. Para antigos governantes da Índia, a decisão de disciplinar as relações religiosas entre colonos e colonizadores será muito maléfica do ponto de vista político, já que criará mais obstáculos entre portugueses e indígenas, de convicções religiosas arraigadas.

VICE-REI QUEIMA RELÍQUIA E PERDE 300 MIL DUCADOS

Goa, 1561 (Do correspondente)

Queimando um dente de Buda ou de macaco branco — não conseguimos saber ao certo — mas de qualquer forma uma valiosíssima relíquia (ambos são objetos sagrados para os cultos orientais), o vice-rei D. Constantino de Bragança acaba de desperdiçar 300.000 ducados, quantia oferecida pelo rei de Pegu, como resgate da relíquia

D. Constantino trouxera a relíquia como trunfo de sua vitoriosa campanha do ano passado, na cidade de Jafanapatão, uma das muitas conquistas da brilhante trajetória de expansão do reino.

Já em 1558, ano em que tomou posse do cargo, D. Cons-

tantino apoderou-se da praça de Damão e da ilha de Bulsar. No ano seguinte, estava de volta a Goa, para, em 1560, pretextando perseguições religiosas, partir sobre Jafanapatão e, com 1200 homens de armas e mais de cem navios, conquistá-la para Portugal. A cidade está situada às margens do canal em que se encontram as ilhas de Cellão e Manaar, famosas pelas pescarias de aljófar e de pérolas.

O vice-rei conquistou ambas as ilhas, além da cidade, que é ponto estratégico de primeira ordem, pois por aquele canal é que passam as navegações clandestinas da rota oriente-ocidente, desde a construção da fortaleza de Columbo. Estes foram os principais motivos da conquista de D. Constantino, e

não a alegada perseguição do rei de Jafanapatão aos cristãos.

Ao saber da fabulosa proposta de 300.000 ducados pela relíquia, D. Constantino mandou reunir um conselho de cavaleiros e eclesiásticos para opinar. A maioria optou pela venda, mas o vice-rei, inclinándose pela opinião de um religioso que protestou invocando as razões da Fé, mandou queimá-la solenemente.

A atitude não foi muito bem recebida por numerosos cavaleiros, pois aquela soma poderia servir de remédio às muitas penúrias por que passam os povos da Índia.

De seu vice-reinado cheio de conquistas, foi o único ato que causou algum descontentamento. Segundo as últimas notícias de Lisboa, seu substituto deve estar a caminho, para dar início a mais um período de três anos.



A. H. M. A. B. S.

D. Constantino

D. CONSTANTINO

Em pose autografada especial para O BRASIL EM JORNAL

FAMÍLIA CÉLEBRE ACABA NA FÔRÇA

Roma, 5, março, 1561

«Eu devo morrer, já que o Papa quer que eu morra». Estas palavras foram ditas por Carlo Carafa, quando foi acordado, esta manhã, pelo homem que levava a ordem de conduzi-lo à execução. Em seguida passou uma hora confessando-se e partiu para o patíbulo, onde foi enforcado na terceira tentativa, pois a corda rebentou duas vezes.

Os outros três condenados pelo Papa — Jean Carafa, o conde D'Alife e Lionardo di Cardine — serão executados amanhã e seus corpos, expostos perto da ponte de Saint-Ange.

Carlo Carafa é sobrinho do falecido papa Paulo IV, e foi seu homem de confiança, não chegando entretanto a corresponder inteiramente ao que dele esperava seu tio. Naquela época Carlo foi elemento de grande influência, não só na política italiana como também na

de toda a Europa. Alguns fatos, entretanto, o comprometeram e o enredaram de tal forma até chegar à condenação de hoje. Ei-los: em 1559 a mulher de Jean Carafa, irmão de Carlo, foi acusada de adultério. Ela e o cúmplice desse crime foram submetidos a um julgamento sumário, por um tribunal secreto (de parentes), que o próprio marido organizou, e que os levou à morte.

Nessa época o trono do Vaticano estava vago. Quando Pio IV foi eleito, e isso se deu graças ao trabalho da família Carafa, a opinião pública voltou-se para o novo Papa, como que para saber do desfecho de tal escândalo. Além do mais, um dos Carafas tinha sido acusado de se ter apossado de bens da Santa Sé. Alexandre Palatiere, procurador oficial da cúria, começou por obter do Papa uma bula contra os usurpadores desses bens. Nesse

JORNAL
ECONÔMICO

GUERRA ECONÔMICA

Sabe-se agora que Emanuel-Philibert instigou a tomada de Lyon, a cidade dos banqueiros, com o seguinte argumento: «Tira-se com isso ao rei da França quase todos os meios de conseguir dinheiro», e, ocupando-se o vale do Rhône, «tapa-se a passagem às tropas francesas que vão para a Itália». De seu refúgio de Yuste, Carlos V aconselhou que se ouvisse Philibert. Mas a falta de dinheiro em Bruxelas e o medo de Filipe serviram de obstáculo.

JUROS

A paz de abril de 1559 foi, principalmente, uma imposição financeira. As duas monarquias não podiam mais nem sonhar em arranjar dinheiro emprestado, pois a dupla bancarota abalara profundamente os bancos europeus. A crise financeira que começou nos primeiros trinta anos do século chegou ao auge e provocou uma verdadeira «débauche».

Desde o início de 1557, em Anvers, os pagamentos foram prorrogados e a cidade recorria à moratória. Os Fugger, desde o meado do século, viam baixar a produtividade de seus capitais: em lugar dos 15% que recebiam em média entre 1540 e 1546, se contentaram com 5 5/8, de 1547 a 1553. Desde então entraram na fase dos prejuízos. Também em 57 Anton tentou liquidar sua posição em Anvers, mas foi obrigado a pedir emprestado a 8% e 10%.

DÍVIDA

A dívida deixada pelo penúltimo rei da França, Henrique II, está avaliada entre 36 e 44 milhões de libras, dos quais 7 milhões representam o capital das rendas, 16 a 17 a dívida flutuante e 15 milhões de consignações.

LIVROS E AUTORES

HISTÓRIA

Embora ainda incompleta, foi editada este ano (1561) a primeira edição da «História da Itália», de Francisco Guichardin. A obra é póstuma, pois o famoso historiador morreu em 1540, em Florença, sua terra natal. O novo livro de Guichardin é de grande valia nos estudos históricos, por se tratar de autor de atitude independente em suas apreciações e críticas, se bem se torne parcial, às vezes, quando fala de si mesmo.

AINDA «O GAGO»

Novo livro de Nicolau Fontana, apelidado Tartaglia (O Gago): «Sommatum des séries, méthodes par recurrence». Trata-se de obra póstuma do grande matemático italiano, falecido em Veneza, no ano de 1557, morte que O BRASIL EM JORNAL noticiou em seu número 18.

BOTANICA

Veio à luz este ano (1561), revisto e publicado por Conrado Gesner, conhecido naturalista, a «Historia Plantarum», obra póstuma de Valerius Cordus, botânico alemão falecido em 1544, considerado como a maior autoridade em botânica deste século. Cordus, como já se afirmou, «o primeiro que ensinou os homens a abandonar as medíocres descrições dos antigos e fazer novas descrições diretamente da natureza», terminara sua obra antes de morrer de febre em Roma. Sua «Historia Plantarum» é excelente trabalho, com inestimáveis contribuições à morfologia vegetal, obtidas através de observações e pesquisas diretamente feitas na planta ou no fruto.

ANIMAIS

Somente agora tivemos notícia da publicação, no ano passado (1559), de diversos tomos dos estudos sobre história natural (quadrúpedes, peixes, aves) de autoria do notável naturalista Ulisses Aldrovandi, professor universitário. Ao que dizem, é intenção do cientista italiano escrever uma enciclopédia dos seres vivos.

RETROSPECTO

Num rápido retrospecto, apuramos que, nestes últimos anos, várias obras têm sido publicadas na França sobre o Brasil, devido à presença de franceses na baía do Rio de Janeiro. Vejamos:

1. O editor parisiense Martin Jeune deu à estampa (1557) o livro de Nicolau Barré: «Copie de quelques lettres sur la navigation du chevalier de Villegagnon es terres de l'Amérique», primeiro documento escrito sobre a expedição do dito Villegagnon.

2. No ano seguinte (1558), imprimiram os herdeiros de Maurice de la Porte um volume in-4°, com gravuras de madeira, do franciscano André Thevet, cosmógrafo do Rei, sob o título: «Les singularitez de la France Antarctique, autrement nomée Amérique, et de plusieurs Terres et Isles découvertes de notre temps».

3. O próprio cavaleiro de Villegagnon estampou, no mesmo ano de 1558, sua «Histoire des choses mémorables advenues en la terre du Brésil, partie de l'Amérique Australe sous le gouvernement de M. de Villegagnon depuis l'an 1555 jusque à l'an 1558».

JUSTIÇA

Teodoro de Bèze, o mais ilustre dos discípulos de Calvino, autor de várias obras de grande importância para a doutrina calvinista e para a literatura (é também poeta), publicou este ano (1560) mais um livro importante: «Tratado da autoridade do magistrado». A nova obra do grande pensador e humanista terá certamente vasta repercussão nos meios reformistas, onde Bèze ocupa papel de indiscutível relevo.

KNOX

John Knox, o reformador escocês, combatido por alguns e bem recebido em sua pátria, no ano passado, publicou nova obra doutrinária: «Livro de disciplina». Espera-se boa aceitação da obra, pelo renome do autor como filósofo e homem de ação.

Índios dizimaram caçadores de ouro



Salvador, dezembro, 1561 (Urgente)

Em caminhos que mal conheciam e entre índios ferozes da região, os componentes de uma expedição de conquista e exploração de ouro foram quase totalmente dizimados pelos selvagens.

A expedição era chefiada por Antônio Ribeiro e dela participavam marinheiros de uma nau que faz a ligação Portugal-Índia, a «São Paulo».

Em meados deste ano, os expedicionários partiram desta cidade, sob gritos e aclamações populares.

Depois de 400 quilômetros de marchas forçadas, em pleno sertão, a expedição foi atacada pelos índios, inesperadamente. As armas e munições dos soldados foram apreendidas pelos atacantes, enquanto os expedicionários procuraram abrir caminho através dos selvagens. Um sobrevivente contou-nos que, diante da arca onde se erguia um crucifixo para a missa campal dos soldados, duas índias encontraram morte estranhíssima. As índias (duas velhotas) tentaram abrir a fechadura da arca e o conseguiram. Quando, entretanto, pegaram no crucifixo, caíram fulminadas.

Alguns expedicionários que romperam o cerco informaram-nos que outra expedição, a de Vasco Rodrigues Caldas, prossegue rumo ao sertão, sem contratemplos.

ACONTECEU

★ ENQUANTO os turcos autorizam os franceses a instalar feitorias em La Calle, a guarnição espanhola de Djerba é fragorosamente esmagada.

★ HOUVE em 1560 um incidente de muita repercussão na Saxônia: a expulsão dos criptocalvinistas pelos luteranos ortodoxos. Nessa mesma ocasião, o jesuíta Vilela cria uma comunidade cristã no Japão.

★ ERICO XIV tenta conquistar a Estônia e Ivan IV, o Terrível, aniquila a Liga Teutônica e, ainda em 1561, a Dinamarca e a Suécia entram em guerra.

★ GASPAR de Schwenckefeld, fundador da seita espiritualista de seu nome, acaba de morrer.

★ FERNANDO I obriga seu filho Maximiliano a renunciar a suas tendências protestantes.

★ VASQUEZ de Coronado, capitão espanhol, funda mais uma cidade na América: Cartago. Outra cidade fundada por espanhóis no Novo Mundo: Caracas, por Francisco Fajardo.

★ MAIS NOTÍCIAS da América: a Nicarágua foi incluída como unidade municipal da capitania-geral da Guatemala, e o Chile passou a ficar sob a jurisdição do Vice-reinado do Peru.



REGRESSO

Sensacional flagrante da partida de Maria Stuart da França para a Escócia, de onde ela saiu há cerca de 13 anos, praticamente raptada por seu tio, o duque de Guise, num navio comandado por Villegagnon

ESCÓCIA TEM OUTRA MARIA

Edimburgo, agosto, 1561

Com grandes manifestações, aparentemente de regozijo, mas na verdade feitas para assustá-la, a jovem Maria Stuart foi recebida pelos seus súditos, treze anos depois de ter saído do país, raptada por seu tio para casar-se com o então delfim Francisco.

A viúva do rei da França volta para substituir sua mãe, a regente Maria de Lorena, que morreu no ano passado em meio à anarquia provocada pelos conflitos religiosos. Não encontrará ela condições muito favoráveis para governar, pois o verdadeiro senhor da Escócia é agora seu cordial inimigo, o pastor John Knox, temível pela força e estreiteza de sua fé.

Na sua primeira noite aqui, Maria Stuart teve

MAIS PODÊRES PARA O BISPO DO BRASIL

Roma, 28, janeiro, 1561

O embaixador português nesta cidade entregou ao papa Paulo IV um importante documento do governo luso. Nêle, pede-se a Sua Santidade que se concedam aos futuros bispos do Brasil maiores poderes para dar licenças matrimoniais entre índios e negros africanos ou entre alguns destes e os colonos.

Simultaneamente, fala-se em Lisboa que, em breve, serão nomeados no Brasil, para postos de fiscalização de bens de órfãos e ausentes, vários funcionários portugueses especializados.

que ouvir os salmos que foram cantados debaixo de sua janela. Em todo o caminho do cortejo foram erguidos tablados, onde alegres quadros representavam idólatras queimadas, como castigo aos seus pecados. No primeiro do-

Ilhéus foi vendida por 5 mil cruzados

Ilhéus, 20, fevereiro, 1561

Por menos de 5 mil cruzados (exatamente 4.825) o proprietário desta capitania vendeu-a a Lucas Giraldes e, agora, o governo acaba de homologar a transação.

Ilhéus pertencia a Jorge Figueiredo Correia. Por sua morte, herdou-a o filho mais velho, Jorge de Figueiredo, que a cedeu ao irmão Jerônimo de Alarcão.

Jerônimo, por alvará de outubro do ano passado, conseguiu suplementação de idade para vender a capitania e, um mês depois, em novembro, negociou-a com Giraldes.

Hoje, a venda de Ilhéus (com aproximadamente 36 mil quilômetros quadrados) foi homologada pela coroa portuguesa. O quilômetro quadrado custou, portanto, cerca de um oitavo de cruzado. Segundo os entendidos em operações imobiliárias, não houve venda, e sim presente.

mingo, quando a rainha mandou rezar missa em palácio, o padre por pouco não foi assassinado.

A situação para Maria Stuart é muito delicada e só mesmo a surpreendente habilidade e paciência desta adolescente de pouco mais de 18 anos poderá evitar graves distúrbios. A nova religião está exercendo grande atração sobre o povo e os nobres, principalmente depois da vitória do partido protestante "Consagração do Senhor", nas revoluções e contra-revoluções que abalaram o país.

DANÇA

SUCESSO: A «COURANTE»

Está começando a aparecer em Paris, Roma, Veneza, Nápoles etc., uma nova dança que se destina certamente a fazer um sucesso extraordinário na Europa inteira. Trata-se da «courante». Este colunista observou em diversos saraus e nas recepções mais elegantes, os primeiros passos da nova dança.

Sem a menor sombra de dúvida, prognosticamos para a «courante» um futuro extraordinário nos salões mais elegantes da Europa.

«CANARIA»

O cronista vem notando, neste ano de 1561, a moda de uma nova dança, que chamam de «canária». Há quem explique que o nome é tomado de uma mascarada cujos dançarinos estavam vestidos à maneira dos índios das ilhas Canárias e executavam passos de «forte sabor selvagem».